



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS- CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ANDRESSA TÁCYLLA TAVARES DIAS

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM: *EMOJIS*

**PALMAS-TO
FEVEREIRO/2019**

ANDRESSA TÁCYLLA TAVARES DIAS

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM: *EMOJIS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Tocantins-Campus Palmas como pré-requisito
para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso
de graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

**PALMAS-TO
FEVEREIRO/2019**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e meu irmão, que
com muito carinho e amor não
mediram esforços para e eu
chegasse a esta etapa da minha vida.
Ao meu esposo Danilo, por toda
paciência nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

É chegado ao fim um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade e frustrações. Sendo assim, agradeço primeiramente a Deus, por ter me proporcionado determinação e forças para chegar até aqui. Aos meus pais Lucilene e Regis por toda paciência, amor e conselhos de fortalecimento ao longo dessa jornada de quatro anos. Agradeço a meu irmão Adriano por sempre me animar quando pensei em desistir.

Agradeço a meu amado esposo Danilo, pela paciência, carinho e compreensão ao longo dessa jornada incrível.

Agradeço ao corpo docente do curso de Letras por proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação de caráter e afetividade da educação no processo de *formação profissional*, por tanto que se dedicaram a mim e a meus colegas não somente por terem nos ensinado, mas por terem nos possibilitado aprender.

Agradeço a todos que participaram dessa pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.

Agradeço às minhas amigas de graduação, Poliana e Marlene, pela amizade e por todo auxílio no decorrer desses anos. Por compartilhar todas as ansiedades, noites em claros, dedicação, carinho e respeito.

Por fim, mas não menos importante, a minha querida e admirável Orientadora, Prof^a.Dr^a. Ana Lourdes, por todo apoio e paciência ao longo da elaboração do meu trabalho de conclusão de curso. Desde o VI período da graduação, a partir do artigo sobre o mesmo tema, senti uma forte ligação não apenas com a disciplina de Semântica, mas você me mostrou a uma nova perspectiva da Linguística. Obrigada pela incansável dedicação e confiança durante o desenvolvimento e realização desse trabalho.

*“É por meio do uso da palavra que
definimos em relação ao outro, e por meio dela
que nos definimos em relação à coletividade”.*

Mikhail Bakhtin

RESUMO

As tecnologias de comunicação digital têm forte impacto na interação humana, especialmente quando mediadas por tecnologias móveis e, consequentemente, introduzem mudanças na linguagem. Em meio a essas mudanças da linguagem, surgiram os *Emojis*. Esses caracteres são elementos presentes no *Whatsapp* que, quando utilizados, lembram a linguagem falada e cria uma comunicação híbrida, com características subjetivas. Criados pela *Unicode*, o intuito dos *Emojis* é representar emoções e sentimentos dos interlocutores nos atos comunicativos do *WhatsApp*. O presente trabalho tem como finalidade compreender e constatar quais fatores influenciam os usuários na escolha e (re)significação dos *Emojis* em suas conversações. Por serem tão representativos e estarem presentes nos teclados digitais, os *Emojis* viabilizam sua utilização por pessoas de diversas faixas etárias e grau de instrução. O referencial teórico embasa-se nos princípios da arbitrariedade de Saussure (1995), da iconicidade de Peirce (2005) e na noção de significado de Guiraud (1975), além de outros teóricos do âmbito da linguística. Abordam-se ao longo do trabalho, reflexões acerca dos *Emojis* nos atos comunicativos no aplicativo *Whatsapp*, o letramento e a inclusão digital entre outros assuntos que foram pertinentes ao estudo. Para a obtenção dos resultados, adotou-se a metodologia de pesquisa qualitativa, realizada em um contexto informal. O *corpus* foi formado por recortes de interações dos participantes com a autora do trabalho. A partir das observações empíricas, percebeu-se que os interlocutores, mesmo não possuindo o conhecimento da significação real dos *Emojis*, utilizam os caracteres em seus atos comunicativos, (re)significando-os. Para isso, fatores sociais tais como a religião, a orientação sexual, a faixa etária, bem como o espaço geográfico influenciam nesse processo de (re)significação.

Palavra Chave: Linguagem. Significação. *WhatsApp*. *Emojis*

ABSTRACT

Digital communication technologies have a strong impact on human interaction, especially when mediated by mobile technologies and consequently introduce changes in language. In the midst of these language changes, the Emojis emerged. These characters are elements present in Whatsapp which, when used, resemble the spoken language and creates a hybrid communication with subjective characteristics. Created by Unicode, Emojis aims to represent the emotions and feelings of the interlocutors in the communicative acts of WhatsApp. The present work aims to understand and verify which factors influence the users in the choice and (re) signification of Emojis in their conversations. Because they are so representative and present on digital keyboards, these characters enable the use by people of different age groups and degree of education. The theoretical reference is based on the principles of Saussure's (1995) arbitrariness, on the iconicity of Peirce (2005) and on the notion of meaning of Guiraud (1975), in addition to other linguistic theorists. Throughout the work, reflections about the Emojis in the communicative acts in the Whatsapp application, the literacy and the digital inclusion among other subjects that were pertinent for the study on this new form of digital language. To obtain the results, the qualitative research methodology was adopted, carried out in an informal context. The corpus was formed by cuts of interactions withdrawn from the cellular apparatus belonging to the author of the work. From the data collected, it was noticed that the interlocutors, even without having the knowledge of the real meaning of Emojis, use the characters in their communicative acts, (re) meaning them. For this, several factors such as religious, sexual, geographic, socio-cultural, among others have a significant role in this process, especially in what concerns the emotion and significance of the digital message.

Keyword: Language. Meaning. Whatsapp. Emotions

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA.....	11
CAPÍTULO 2 – A LINGUAGEM NO AMBIENTE DIGITAL.....	13
2.1 LINGUAGEM E LÍNGUA	15
2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO WHATSAPP	15
2.3 O WHATSAPP COMO UM GÊNERO MULTIMODAL.....	16
2.4- O SURGIMENTO DOS <i>EMOJIS</i>	18
CAPÍTULO 3 – O LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL	21
3.1 O LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL	21
3.2 OS EMOJIS NOS ATOS COMUNICATIVOS	24
CAPÍTULO 4 – ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE.....	26
4.1 UM BREVE PANORAMA SOBRE O SIGNO LINGUÍSTICO.....	26
4.2A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO E DA SIGNIFICAÇÃO.....	29
4.3 OS PRINCÍPIOS DA ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE	30
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
5.1 INTERAÇÃO 1 - GRUPO A	34
5.2 INTERAÇÃO 2 - GRUPO A	36
5.3 INTERAÇÃO 3 – GRUPO B.....	38
5.4 INTERAÇÃO 4 - GRUPO B.....	39
5.5 INTERAÇÃO 5 – GRUPO B.....	43
5.6 INTERAÇÃO 6 – GRUPO C	46
5.7 INTERAÇÃO 7 – GRUPO D.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco a análise da (re)significação dos *Emojis* na conversação entre os sujeitos como recurso de representação da linguagem e emoções dos interlocutores, com finalidade de compreender e constatar quais fatores influenciam os usuários na escolha desses caracteres em suas conversações. Por serem tão representativos e estarem presentes nos teclados digitais, os *Emojis* viabilizam sua utilização por pessoas de diversas faixas etárias e grau de instrução.

Com o surgimento das novas ferramentas de comunicação, a construção de sentidos tem se tornado cada vez mais multimodal, ou seja, os modos convencionais de produção de sentido pela escrita, por exemplo, atrelam-se aos modos visuais, orais e gestuais, dentre muitos outros possíveis. O aplicativo *Whatsapp* tem se destacado como uma plataforma multimodal. De modo geral, seu uso tem se tornado frequente no cotidiano das pessoas ao redor do mundo e, conseqüentemente, vem (re)definindo o significado da linguagem digital por meio de diversos recursos nele presentes. Os *Emojis* são um desses recursos de comunicação do *WhatsApp* e objeto de estudo deste trabalho.

À vista disso, as inquietações que moveram esse trabalho foram as seguintes: Em que medida a (re)significação dos *Emojis* influencia a representação da linguagem no contexto de comunicação de adolescentes e de pessoas de terceira idade? Os sujeitos não alfabetizados ou com baixa escolarização desse público conseguem (re)significar os *Emojis* na comunicação? Como eles constroem o significado dos *Emojis* em seus atos interacionais por meio do *WhatsApp*? De que maneira a arbitrariedade e a iconicidade apresentam nesse processo de (re)significação? Foi a partir dessas indagações que se constituiu o direcionamento do presente trabalho. Já a hipótese do trabalho, e que *Emojis* não apenas contribuem com a comunicação entre os usuários, como também podem revelar muito sobre o sujeito, o contexto social, a sociedade e seus processos comunicativos, isto é, a linguagem.

Primordialmente, durante o estudo das teorias dos significados na Semântica e observado as representações dos *Emojis* para os interlocutores durante as conversações via *WhatsApp*, em que cada um dos falantes tinha consigo significações e representações dos caracteres de forma diferente, despertou-se o interesse e curiosidade em compreender como ocorre o processo de escolha desses caracteres na tentativa de representação de

ideia e emoções em enunciados completos no contexto de conversação entre os interlocutores e, ainda, compreender quais fatores influenciam nesse processo tão interessante.

Assim, este estudo torna-se relevante tanto para o ambiente social quanto para o acadêmico, devido à necessidade de explorar e aprofundar o conhecimento sobre a linguagem multimodal, não somente pela regularidade com que o assunto vem sendo discutido, mas essencialmente para a compreensão e constatação das mudanças que os *Emojis* estão causando na linguagem.

A partir das observações empíricas, percebeu-se a influência de diversos contextos como familiar, profissional, educativo, gênero sexual, religioso, político, cultural, ambiental, características socioculturais em que os sujeitos vivem em suas realidades, considerando-se as inúmeras situações sociais que a vida contemporânea lhes impõe no processo de (re)significação dos *Emojis*. Além disso, ratificou-se como esses fatores são pertinentes nesse processo, principalmente na produção de sentido desses pictogramas.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, são abordados os procedimentos metodológicos. No segundo capítulo, traz questões relacionadas à linguagem. Para isso, foi feito um panorama sucinto do surgimento do aplicativo *Whatsapp* e dos *Emojis*. No terceiro capítulo, discute-se a respeito do letramento e da inclusão digitais e a expressividade da linguagem virtual, além de discutir a utilização dos *Emojis* por pessoas da terceira idade, com baixa escolarização e pertencentes à classe de menor poder aquisitivo. O capítulo é finalizado com uma breve discussão sobre a utilização dos *Emojis* em atos comunicativos no *WhatsApp*. Por conseguinte, no quarto capítulo, foi realizada uma contextualização sobre o signo linguístico. Neste, foram discutidas as noções de significante e significado, a construção do sentido e da significação, e ainda sobre arbitrariedade oriunda do pensamento saussuriano e a noção de iconicidade a partir dos pressupostos de Pierce (2000). Subsequentemente, no quinto capítulo, apresenta-se as análises e discussões dos dados obtidos. Por fim, são expostas as considerações finais sobre todo o estudo e em sequência as referências utilizadas.

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

No presente capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos do trabalho para identificar os fatores que influenciam a conversação e como ocorre o processo de (re)Significação dos *Emojis* no *WhatsApp*. Para a realização da pesquisa adotou-se a metodologia qualitativa, por ser mais adequada às interpretações de sentidos a partir do *corpus* selecionado, com apoio das concepções de (CHURCH; OLIVEIRA, 2013).

A pesquisa foi realizada em um contexto colaborativo, sendo solicitado aos participantes a elaboração de lista com os *Emojis* mais utilizados por eles, e seus (re)significados. E o *corpus* que foi formado de recortes (*Print Screen*) selecionados das conversas entre participantes e pesquisadora.

A seleção dessas interações foi feita com intento de demonstrar como são construídas e quais são os fatores que influenciam os interlocutores no processo de (re)significação dos *Emojis* no *WhatsApp* em diferentes contextos de produção e em diversificadas esferas sociais. Não há recortes selecionados de interações em grupo.

Os dados coletados envolvem interações realizadas entre março a setembro de 2018, das quais foram extraídas interações com temáticas sobre humor, fé, doença, amizade e rotina de trabalho. Os *printscreen* foram armazenados no celular e transferidos para um laptop e coladas em arquivo do programa *Word*, da Microsoft. As identidades dos participantes foram preservadas. O aspecto inovador da (re)significação dos *Emojis* se dá a partir dos contextos e fatores diversos que unem esses sujeitos. Essas circunstâncias serão aprofundadas no decorrer das análises e servirão de suporte para a identificação dos princípios influenciadores desse processo.

Os interlocutores foram divididos em quatro grupos. O grupo A é formado por adolescentes de 16 e 17 anos. O grupo B é formado por jovens de 21 e 22 anos, sendo um deles estrangeiro. O grupo C, composto por uma adulta de 42 anos. O grupo D é formado por um idoso de 70 anos, não alfabetizado. A escolha por interlocutores de faixas etárias tão diversificadas se deu pelo fato da intensa utilização da tecnologia móvel entre o público jovem, adultos e da terceira idade, como é observado atualmente. Alguns participantes preferiram definir os *Emojis* que utilizam com maior frequência e sua

significação, sendo estes especificados por meio de listas para facilitar a compreensão do leitor da pesquisa.

Diante do exposto, as análises foram organizadas de modo a expor discursivamente os fatores que influenciam a construção dos (re)significados dos *Emojis* e a produção dos sentidos criados pelos interlocutores no *WhatsApp*. Foi feita uma contextualização sobre as características relevantes de cada participante da pesquisa antes da exposição de cada interação.

CAPÍTULO 2 – A LINGUAGEM NO AMBIENTE DIGITAL

Neste capítulo, é abordada a evolução da linguagem no ambiente digital que se conceitua como a virtualização e inserção da tecnologia na sociedade que vem de acordo com o desenvolvimento tecnológico. Para ter provas desse fenômeno, só é preciso observar o comportamento social, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação e de aprendizado. Todos são diferentes do que eram há alguns anos e parte disso é resultado desse desenvolvimento tecnológico. Com o advento e a popularização da internet, por exemplo, o acesso a uma infinidade de conteúdos sobre os mais diversos temas foi facilitado, proporcionando maior independência na busca por informações criando assim, um mundo digital.

Diante disso, a primeira grande revolução na comunicação aconteceu quando o homem pré-histórico desenvolveu a linguagem na tentativa de comunicar-se com seus semelhantes e de obter êxito na luta pela sobrevivência. Os registros escritos eram feitos por meio de pinturas em paredes dentro de cavernas e essas representações são denominadas de pinturas rupestres. Uma das primeiras formas que o ser humano encontrou para deixar seus vestígios foi a pintura. A arte rupestre consistiu na maneira utilizada para ilustrar sonhos e cenas do cotidiano. Símbolos da vida, da morte, de céu e da terra foram encontrados nas paredes das cavernas (PORTAL D'ARTE, 2006).

Junto aos desenhos, o ser humano também representava o mundo por meio de símbolos escritos. “Na maior parte, eram reproduções gráficas de fenômenos comuns do mundo físico” (FISCHER, 2009, p.15). No entanto, esses símbolos não eram suficientes para expressar as informações. Nesse contexto, a pictografia sobreveio com desígnio de complementar a mensagem dos símbolos escritos, uma vez que a grande vantagem desse sistema é a fácil compreensão: não é necessário aprender significados e sistemas complexos, pois qualquer pessoa do grupo social pode entender o que uma imagem representa. Por meio de símbolos, de rabiscos e de desenhos, o ser humano desenvolveu uma forma de conservar sua história e sua cultura. Dessa maneira, seu conhecimento seria transmitido de geração em geração, e para todos os povos que passassem por um local com esse tipo de registro.

O surgimento da linguagem permitiu que a humanidade conseguisse transmitir o conhecimento adquirido, aperfeiçoando a forma de apreender o mundo pelas primeiras

comunidades. Alguns séculos mais tarde, a linguagem teve seus sons codificados em símbolos, e posteriormente em alfabetos. E foi por meio da criação e evolução dela que surgiu a civilização, além de tornar possível que o conhecimento evoluísse e que a mensagem pudesse existir independente de um emissor, podendo ser recebida a qualquer momento por alguém que soubesse decifrar o código da linguagem.

Segundo Recuero (2000), o impacto da evolução da escrita e da linguagem foi tão grande na humanidade que até hoje os historiadores determinam o fim da Pré-história e o início da História, ou seja, da civilização e do desenvolvimento pela provável data da invenção da escrita. A difusão da intercomunicação social, através dos ambientes digitais, tem-se mostrado uma grande aliada da civilização. A linguagem e a comunicação estão se modificando de forma constante atualmente e prova disso, é o surgimento de um novo meio de comunicação, o mais completo já concebido pela tecnologia humana: a Internet. O primeiro meio a unir a linguagem e a escrita mediante a interatividade e a massividade é também o primeiro meio a trazer a possibilidade de que todos sejam, ao mesmo tempo, emissores e receptores da mensagem. A *internet* tornou-se um novo mundo, um universo digital em que estão presentes noticiários, *Blogs* de variados temas, artigos, *sites* de compras, as redes sociais e outros.

Uma das redes sociais mais utilizadas na atualidade é o WhatsApp. No aplicativo, a interação entre os usuários é mediada pelos smartphones ou pelos computadores. Assim como outros aplicativos de conversação, o *WhatsApp* proporciona a extensão de várias capacidades naturais. É possível interagir com outras pessoas em tempo real, construir significados próprios, ouvir aquilo que desejamos, conversar com quem conhecemos ou não, utilizar símbolos para representar e transmitir uma ideia, emoção ou sentimento. Fundamentalmente, o usuário pode interagir quando, como e onde quiser. O *WhatsApp* pode ser uma ferramenta tanto para interação entre sujeitos, como para aproximação e melhor compreensão sobre a sociedade e o meio em que estão inseridos. Nas seções a seguir, discute-se sobre linguagem e língua, além apresentar um breve panorama a respeito da origem do *WhatsApp*, da multimodalidade e do contexto histórico dos *Emojis*.

2.1 LINGUAGEM E LÍNGUA

Embora a língua seja um produto social do domínio da linguagem, não se confunde língua com linguagem. A língua forma um conjunto de convenções que é adotado pela sociedade, permitindo o exercício da linguagem. A língua por ser um objeto concreto é o meio mais tradicional e natural de comunicação, determinada por convenções e classificações. Possui propriedades estruturais analisáveis pelas partes que as compõem e que podem ser descritas separadamente. A linguagem por sua vez, pertence ao domínio cultural do indivíduo e não possui propriedades classificatórias. A linguagem é tanto produzida pelo indivíduo quanto formada socialmente, de maneira que não pode existir sem um ou outro (SAUSSURE, 1975).

Santaella (1986) assume que a língua é a parte fixa da linguagem e a linguagem é a língua em movimento, de modo que o ato de compreender, interpretar, traduzir um pensamento em outro, forma um ciclo em movimento ininterrupto. A linguagem é estabelecida através da associação entre as coisas que são percebidas e as lembranças de sensações, sentimentos e ideias despertadas pela percepção. Ela se constitui através da leitura, da escrita, de formas, volumes, forças, movimentos, imagens, sinais, luzes, sons, gestos, expressões, entre outras maneiras.

Para Fiorin (2010), a linguagem é a construção do pensamento e todos os recursos formais da linguagem servem para criar sentido, num processo de organização e informação. A linguagem escrita ou falada é formada por meio de códigos convencionados de maneira arbitrária, a partir de uma língua, de modo a permitir a decodificação por todos os que a conhecem. Além da convenção é possível também estabelecer associações por analogias como é o caso dos *Emojis*, assunto das próximas seções, que possui muitos significados e sentidos criados por semelhança com objetos e ações.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO WHATSAPP

De acordo com a página oficial do *Whatsapp* (2019) no Brasil, é um aplicativo que permite aos usuários de *smartphones* trocar mensagens textuais ou de voz, vídeos, imagens, *links*, além de *Emojis* que são caracteres presentes no aplicativo que buscam representar uma ideia, emoção, palavras ou até mesmo enunciados completos. O

aplicativo foi desenvolvido no ano de 2009 pelos fundadores do *Yahoo!*, uma das maiores empresas americanas de serviços para a *internet*, Brian Acton e Jan Koum e funciona com sede em Santa Clara, Califórnia, Estados Unidos. O termo *WhatsApp* é uma expressão casual em inglês “*What's up*” que pode ser traduzido como “qual a novidade?” ou “o que se passa?”. Seu manuseio requer apenas, a criação de uma conta de *WhatsApp* que fica vinculada ao número do celular. Essa conta permite a sincronização dos contatos telefônicos registrados no aparelho. E consequentemente, o usuário pode trocar mensagens individuais com seus contatos ou criar grupos para a troca coletiva de mensagens.

O aplicativo requer que os usuários precisam ter o *software* instalado em seus *smartphones*. Ele provê informações sociais a respeito dos usuários, por exemplo, contatos que podem ver quando seus amigos estão *online*, quando eles estão digitando e quando foi o último acesso ao aplicativo. Além disso, possui notificação de envio, recebimento e leitura da mensagem pelo destinatário, e isso torna o *WhatsApp* multimodal. Nessa perspectiva, “A multimodalidade se refere ao uso integrado de diferentes recursos comunicativos, tais como linguagem [texto verbal], imagem, sons e música em textos multimodais e eventos comunicativos” (VAN LEEUWEN, 2011, p. 668).

Dessa forma, no *WhatsApp* não comunicamos apenas por meio da escrita, mas também por meio de áudios, vídeos e imagens, entre outros recursos semióticos, configurando a comunicação como um evento multimodal que agrega diversos modos e recursos semióticos, independente do meio pela qual ela se realize. Após a apresentação sobre a funcionalidade do aplicativo, no tópico seguinte, será feita uma breve exposição acerca do *WhatsApp* a partir dessa perspectiva.

2.3 O WHATSAPP COMO UM GÊNERO MULTIMODAL

Os estudiosos Kress e van Leeuwen (2006), consideram que toda forma de comunicação é multimodal porque, nos contextos sociais concretos, ou seja, nas práticas sociais com o objetivo de se comunicar, as pessoas se utilizam de formas de comunicação em que diversos modos semióticos se integram. Assim, a multimodalidade é uma perspectiva teórica que os significados comunicativos são construídos e compartilhados

de vários modos, dentre os quais a escrita, a fala, a imagem, o som, o gesto, a tipografia, a imagem em movimento.

A multimodalidade “é a combinação de modos semióticos em uma produção ou evento semiótico” e o discurso para eles é “o conhecimento construído socialmente sobre (algum) aspecto da realidade” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 04)

Nessa perspectiva, vários modos semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, arquitetura, dentre outros) que são realizados a partir do sistema sensorial (visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa e cinética) passam a ser considerados como participantes do denominado fenômeno multimodal. Segundo Kress (1998), novas tecnologias digitais da informação e comunicação permitem mesclar diferentes modos de representação: a imagem pode ser combinada ao texto escrito, o som e o movimento adicionado à imagem. Juntamente com a evolução tecnológica, observamos que transmissão da informação/mensagem se concretiza por meio dos diferentes tipos de linguagens e em diferentes suportes. Esse elemento que intercala as relações sociais é definido por Koch e Travaglia (1992) como:

Uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. (KOCH; TRAVAGLIA, 1992, p. 8-9)

Assim, tais textos são constituídos por linguagens verbais e não verbais repletos de sentidos. As formas de ler e produzir textos no contexto sociocultural de grandes avanços tecnológicos envolve as novas práticas de comunicação nos meios digitais. Braga (2013), explica essa mudança a partir de um contexto denominado Sociedade da Informação. Para a autora, os textos antes analógicos, migraram para meios digitais, assim, “passam a circular, em números cada vez maiores, novos tipos de gêneros e composição textuais: novas práticas comunicativas”. Portanto, os novos gêneros surgem para suprir a demanda de comunicação social, influenciando a maioria das pessoas a se “integrarem” às inovações a fim de não “sofrerem pressão social”, ou seja, constantemente novos gêneros são criados no intuito de estabelecer, relacionar e se fazer comunicar e ganham grande adesão quanto ao uso, difundindo-se na velocidade de um clique.

O avanço tecnológico da mídia digital, em especial das tecnologias móveis, promove o surgimento de diversos aplicativos e novos acessórios que possibilitam a leitura e a produção discursiva na tela. Exemplo dessas tecnologias móveis são os *smartphones*, que contribuem para o surgimento de novas práticas discursivas mediadas por textos verbais e visuais. Logo, o discurso constituído com o auxílio das tecnologias digitais da informação e comunicação é, em sua essência, multimodal.

A multimodalidade se constitui a partir da significação da linguagem de forma ativa e dinâmica, integrando as modalidades e “tornando gradualmente mais integrados nas práticas diárias da mídia e da cultura” (COPE e KALANTZIS, 2016, p. 10). Nessa perspectiva, as modalidades estão incorporadas às práticas sociais. O *WhatsApp* é multimodal, pois os recursos disponibilizados no aplicativo possibilitam mesclar diferentes modos semióticos, como som, imagem, vídeo, texto verbal na tela. Podemos encontrar nas conversações via *WhatsApp* diversos gêneros discursivos, que variam quanto ao estilo, ao formato e ao conteúdo.

Esses gêneros podem transpassar práticas discursivas formais ou informais. Conforme Bakhtin (2007) “é por meio do uso da palavra que definimos em relação ao outro, e por meio dela que nós definimos em relação à coletividade”. E toda palavra é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ou seja, a linguagem é dialógica assim como a linguagem dos *Emojis*, pois estabelece relações de sentido nas quais reside a expressão de emoção entre enunciador e o receptor.

2.4- O SURGIMENTO DOS EMOJIS

Segundo Freire (2015), a palavra "*Emoji*" deriva das expressões japonesas "*E*" (imagem) e "*Moji*" (personagem), traduzidas ao português como "pictograma". O termo foi oficialmente incluído no dicionário inglês Oxford, junto a outros relacionados à linguagem de *internet* e tecnologia. Nessa obra, está definido como “ícone de expressão para mensagens”, isto é, são símbolos que representam uma ideia, palavra ou frase completa. Atualmente, os *Emojis* fazem parte da escrita e são considerados até uma nova linguagem.

Braga (2013), redatora do site *Marketing de Conteúdo*, relata que a história dos Emojis se inicia quando a empresa de telefonia celular *NTT DOCOMO* do Japão desenvolvia o *I-mode* que seria uma espécie de pacote de informações para celular e que incluía recursos como: *e-mail*, previsão do tempo, notícias e acesso à *internet*. Nessa ocasião, um dos funcionários da *NTT DOCOMO*, Shigetaka Kurita, percebeu o quanto a comunicação ficava fria e, às vezes, ambígua ao se limitar apenas às frases escritas no celular. Desse modo, começou a procurar uma forma rápida e prática de deixar as mensagens mais humanizadas e expressivas. Kurita, que não era designer gráfico, reuniu uma pequena equipe e, com a limitação de 12×12 pixels, desenvolveu os primeiros *Emojis* da história. A seguir, apresenta-se a figura constando os 176 *Emojis* criados por Shigetaka Kurita.

Figura 1: *Emojis* originais de Shigetaka Kurita



Fonte: MARKETING DE CONTEÚDO (2017)

A inspiração para esses primeiros símbolos surgiu da cultura japonesa e de expressões que Kurita via em *animes* e *mangás* quando era criança. Os símbolos entraram no *I-mode* exatamente da forma em que foram desenhados originalmente.

Com o lançamento dos *Emojis* para o público, as outras grandes companhias de telecomunicações começaram a copiar os *designs* adicionando algumas inovações, pois a *NTT DOCOMO* e Kurita não patentearam a invenção. E isso resultou em mais caracteres e os *Emojis* chegaram a 800. Em 2012, uma das concorrentes da *NTT DOCOMO*, com a ajuda de Kurita, finalmente redesenhou os caracteres originais. De acordo com Braga (2013), foi a empresa *Apple* que proporcionou a popularização dos *Emojis* do Japão para o mundo. Em 2007, a empresa lançou o primeiro *iPhone* e incluiu os *Emojis*, já que estes

eram muito populares no país. No entanto, no ocidente os *Emojis* ainda estavam ocultos no *iPhone*, pois só eram descobertos quando os usuários mudavam a língua do aparelho para japonês. Em 2011, *Apple* liberou os *Emojis* em todas as línguas.

Braga (2013) ainda reitera que o criador de *software* Jeremy Burge criou a *Emojipedia*, um índice e dicionário de *Emojis* em que ele explica o significado de cada um deles. Dependendo do fabricante, eles também costumam ser classificados por categorias, como animais e natureza, bebidas e comidas, atividades, objetos, por exemplo. Devido ao grande número, o usuário também gasta algum tempo localizando determinado *Emoji*, mas a maioria dos dispositivos e softwares de conversação disponibiliza uma ferramenta que indica os últimos símbolos usados e isso minimiza os efeitos da lentidão. A seguir, será abordado sobre o uso dos *Emojis* nas conversações entre os usuários dos aplicativos.

CAPÍTULO 3 – O LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL

Neste capítulo, será feita uma reflexão a respeito da inclusão digital para pessoas com baixa escolarização e que fazem parte terceira idade. Além disso, será discutido como ocorre esse processo de inclusão e letramento por meio do *WhatsApp*. Por fim, será discutido como ocorre a expressividade da linguagem por meio dos *Emojis*.

3.1 O LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL

Como observado por Mainguenu (2007), a linguagem muda sob a influência da digitalização. As escritas são tecnologias criadas e desenvolvidas pelo homem e, conforme a tecnologia se desenvolve, a linguagem se transforma. Nesse contexto, os seus símbolos e signos linguísticos possibilitaram ao sujeito a perpetuação de ideias além de transmissão de informações, independentemente do tempo e do espaço, tornando-os sujeitos da informação.

A história da civilização produziu e continua a produzir uma multiplicidade de letramentos com diferentes tipos de escritas moldados por diferentes contextos culturais e neles inseridos. (COULMAS, 2014, p. 161)

Entende-se por Letramento Digital a capacidade que tem o sujeito de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. Segundo Carmo (2003), o Letramento Digital inclui habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, ou seja, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma tela. Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente.

Diante disso, na trajetória de formação do sujeito, o processo de alfabetização é só o passo inicial para elevar o nível de letramento. A capacidade de compreender e percorrer as fronteiras do texto, inferindo sobre o discurso que o perpassa, sinaliza o nível de letramento do sujeito, como informa Xavier (2002) que “a capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política são características de um indivíduo

plenamente letrado”. Atualmente, é muito comum encontrarmos pessoas analfabetas ou com baixo nível de escolarização que mesmo com suas limitações fazem o uso dos aplicativos de interações sociais como o WhatsApp e se esforçam para se comunicarem com outros sujeitos, seja esse ato comunicativo feito por meio de áudios, texto, imagens ou símbolos.

Além dessas pessoas, é relevante ainda citar os idosos que, além de poucos anos de escolarização, também pertencem às classes socioeconomicamente mais baixas, que fazem o uso do aplicativo como recurso de comunicação devido à Inclusão Digital. O conceito de inclusão digital subentende que o indivíduo exerça um papel ativo e interativo na sociedade do conhecimento por meio do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em suas atividades profissionais, cotidianas, educacionais e culturais dentre outras.

No caso do *WhatsApp*, há diversos usuários idosos que fazem o uso do aplicativo. Apesar de muitos deles verem as TICs (tecnologias de comunicação) de forma positiva, a inclusão digital desse grupo ainda acontece mais lentamente. Ainda assim, o aplicativo promove mudanças na comunicação dessas pessoas, além de outros benefícios. Exemplos de alguns benefícios que essa nova tecnologia trouxe para esse grupo etário são a melhora das condições de interação social e o estímulo da atividade mental mesmo que estes não saibam ler ou escrever. Sendo assim, tanto para jovens, adultos e idosos, o uso do aplicativo serve principalmente para se incluir socialmente independente da escolarização ou grau de letramento.

As tecnologias digitais móveis favorecem a construção de textos multissemióticos sem que para isso seus usuários necessitem de técnicas ou habilidades, porém ser letrado digital contribui para integrar diferentes modos semióticos disponíveis no meio digital.

Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p.135)

Para Soares (2002), letramento digital consiste basicamente na apropriação da tecnologia em benefício das práticas sociais que a cultura digital demanda. Mas como apropriar-se da tecnologia se nem sequer sabe manuseá-la? É nesse contexto que entra a

questão da alfabetização digital, aqui vista como o saber utilizar o computador, bem como outras ferramentas tecnológicas, além de seus programas, aplicativos e internet, para incluir-se digitalmente no mundo globalizado. Nesse sentido, acredita-se que o indivíduo precisa ter um conhecimento mínimo, ou seja, um grau mínimo de alfabetização digital da ferramenta tecnológica necessária para a prática de letramento digital que pretende realizar em um dado contexto.

Seguindo o objeto de estudo do trabalho, os *Emojis*, um sujeito pode realizar uma prática de letramento através de um *Emoji*, por exemplo, e para isso pode precisar saber apenas abrir a conversa e barra de *Emojis* no teclado do *smartphone*, para selecionar o caractere e enviar a outro usuário. Porém, mesmo sendo um conhecimento técnico “simples”, não deixa de ser um conhecimento de alfabetização digital, já que tem a ver com o manuseio da ferramenta tecnológica, ainda que em um grau mínimo de alfabetização digital. Ele não precisa ser, necessariamente, um alfabetizado digital, no sentido que não precisa saber manusear todas as ferramentas tecnológicas, isso porque ele pode ser letrado digital em um contexto e não ser letrado digital em outro contexto, podendo saber manusear uma ferramenta e não saber manusear outra diferente. No entanto, como estamos tratando de tecnologia, ao menos um conhecimento mínimo de manuseio da ferramenta é necessário para realizar uma prática de letramento com tal tecnologia. Logo, a questão determinante não é ser ou não alfabetizado digital, mas vai depender do nível de alfabetização exigido pelo grau de letramento de determinada prática.

Nos últimos anos, os avanços tecnológicos têm transformado o cotidiano ao introduzir novas formas de comunicação através de dispositivos móveis, como *smartphones*. Junto a esses dispositivos, as redes sociais têm se apresentado como novos meios de comunicação. Nesse cenário, o *WhatsApp* possibilita a troca de mensagens de texto quase que em tempo real, ficando à frente do tradicional *SMS (Short Message Service)*. A tecnologia tem facilitado a vida de alguns indivíduos e, na mesma proporção, penalizado determinados grupos da população.

Os idosos são uma parcela da população que vem sofrendo algumas restrições com os avanços tecnológicos. A atual geração de idosos encontra-se no meio de um “bombardeio tecnológico” que lhes causa estranheza, medo e/ou receio. Para a maioria deles, o uso do computador estaria totalmente fora do seu alcance mais por questões emocionais. Os idosos “para inserir-se na sociedade atual é preciso ter acesso a linguagem

da informática, dispondo dela para liberar-se do fardo de ser visto como um indivíduo descontextualizado do mundo atual” (BEZ, PASQUALOTTI, PASSERINO, 2006, p. 63). Ao relacionar-se com as tecnologias, a autoestima dos idosos aumenta, pois se sentem incluídos no meio onde vivem, melhorando a comunicação com netos e a geração dos dias de hoje. “O processo de inclusão digital proporciona aos idosos a recuperação da autoestima, o exercício da cidadania e a interação social” (SILVEIRA, ROCHA, VIDMAR, 2010, p. 07). Além de proporcionar a interação aos idosos, diminui a sensação de solidão, ao aprender manusear e utilizar as ferramentas tecnológicas, trabalhando aspectos mentais como a memória, a atenção e a percepção.

O idoso aprende num ritmo próprio, prova disso é que quando estão interagindo com outros sujeitos no *WhatsApp*, a grande maioria se comunica por meio de áudios, imagens e símbolos presentes no aplicativo, esses símbolos são chamados de *Emojis*. Mesmo sem ter o conhecimento do real significado do *Emojis*, eles os utilizam fazendo associações de seus significados, em geral, baseados nos contextos que estão inseridos e fazem o processo semântico de (re)significação mediante a necessidade da conversação. Esses significados e representações dos pictogramas acabam se internalizando no consciente, sendo esses sujeitos letrados ou não. Esse processo é melhor exemplificado na análise dos dados do presente trabalho.

3.2 OS EMOJIS NOS ATOS COMUNICATIVOS

Como foi citado, os *Emojis* começaram a se transformar lentamente, deixando seu aspecto primitivo para algo mais elaborado e personalizável. Seu uso nas conversas de *WhatsApp* é válido, pois esses pictogramas buscam sintetizar ou reforçar ideias e buscam expressar significados bem específicos em determinadas frases.

Assim, o pictograma é o mensageiro de certas informações e seu significado pode abranger a compreensão no contexto social em que ele foi concebido, até se expandir em outros contextos sociais, levando a informação, por meio de trocas culturais, a diversas culturas.
(MORO, 2016, p. 54)

Dessa forma, é compreensível que o mesmo *Emoji* possa se configurar com diversos significados dependendo do contexto onde está sendo usado, do grupo social que está utilizando e outros fatores.

O *Emoji* “triumfante” (*figura 1 na página seguinte*) geralmente é utilizado pelos usuários do aplicativo com sentido de estar bufando de raiva. No entanto, os desenvolvedores criaram esse caractere para representar o triunfo por alguma conquista. Assim como o *Emoji* “símbolo de tontura” (*figura 2 na página seguinte*), muitos interlocutores utilizam em forma de estrela cadente ou uma chuva de cometas. Todavia, esse caractere significa que o interlocutor (remetente) está totalmente atordoado ou desnortado.



Figura 1



Figura 2

Essas variações e atribuições de significado a determinadas expressões indica que há uma busca criativa para a representatividade não verbal de forma a aperfeiçoar o método comunicacional via aplicativo, adaptando a falta de uma expressão sutil de ironia à um determinado *Emoji*, que inicialmente não tinha esse propósito, evidenciando, inclusive, a plasticidade dessa nova forma de linguagem. Os *Emojis* mudaram a maneira que comunicação das pessoas no meio digital. Uma das maiores contribuições dos *Emojis* foi a facilitação da comunicação, uma vez que seu uso o deixa mais íntima e fluída.

De acordo com Modena (2017), o mais importante é que os *Emojis* trazem para a comunicação eletrônica a expressão de emoção, tom de voz, gestos entre outros que seria impossível apenas com escrita. Em outras palavras, sentimentos como raiva, tristeza, alegria, ironia entre outros podem ser representados. Além disso, pode-se descobrir outras intenções por trás do discurso de um sujeito/interlocutor. Assim sendo, os *Emojis* reinserem na comunicação do *WhatsApp* as pequenas variações de sentido e significado.

CAPÍTULO 4 – ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE

Neste capítulo, é feita uma reflexão acerca da construção da significação e sentido. A princípio, faz-se uma breve contextualização sobre o signo linguístico e em sequência, explana-se sobre o processo de construção de significação e sentidos, tendo como foco principal os *Emojis* presentes no *Whatsapp*. No decorrer do capítulo, explana-se também a respeito das noções de arbitrariedade e iconicidade, ressaltando a influência que esses princípios exercem no processo de significação. Para esse fim, utilizam-se as teorias de Saussure e Peirce, além de outros linguistas do âmbito da semântica.

4.1 UM BREVE PANORAMA SOBRE O SIGNO LINGUÍSTICO

Segundo Saussure (1995), qualquer objeto, som, palavra capaz de representar outra coisa constitui signo. Para ele, a língua é um sistema constituído em uma cadeia de signos linguísticos, ou seja, a língua se organiza e se forma a partir do encontro entre significante e significado (signo linguístico). Como proposto por Saussure, a unidade linguística denominado signo une um conceito a uma imagem acústica, ou seja, é capaz de unir um conceito a uma impressão psíquica do som. Quando apenas pensamos em algum objeto sem falarmos seu nome, a palavra surge em nossa mente, ou quando falamos conosco mentalmente, são exemplos do que Saussure designava por imagem acústica. Por exemplo, o significante da palavra ÁRVORE [ahvori] corresponda ao seu significado [planta de tronco alto com ramagem na parte superior].

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, retificadas pelo conhecimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. (SAUSSURE, 1995, p. 16).

Como o signo é a junção do conceito com a imagem acústica ele foge “à vontade individual ou social, estando nisso seu caráter essencial” (SAUSSURE, 1995, p. 25). Para que um signo seja um signo, é preciso que socialmente haja uma aceitação para tal, quer dizer, uma convenção social. Ninguém pode dizer que a partir de agora, por exemplo, a

palavra *cadeira* se refere a céu. Essas convenções não podem ser desfeitas em qualquer momento por qualquer pessoa.

Saussure (2010, p. 80) ainda enfatiza que o significante e significado são indissociáveis, não há possibilidade de o signo existir na falta de um dos seus elementos. Acresce que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, é ainda a combinação do conceito e da imagem acústica”. E ainda, “a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração (SAUSSURE, 1995, p. 119)”.

O linguista parte da análise de dois de seus aspectos básicos, as ideias e os sons. Assim pode-se dizer que o signo linguístico é resultado de relações em um sistema e, assim, não existe *a priori*, não é dado previamente. A relação entre significado e significante, de acordo com a concepção saussuriana, é arbitrária, pois não existe uma relação direta entre som e sentido, mas sim uma sonoridade sugestiva. Essa relação foi estabelecida por convenção e todo meio de expressão que é aceito em sociedade é decretado por convenção.

Em relação à semântica, Guiraud (1975) conceitua-a como o estudo do sentido das palavras. Segundo ele, a semântica foi constituída a partir termo grego *sêmainó* (significar) o qual se deriva de *sêma* (sinal). O linguista assegura que o signo é um excitante, um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo; a nuvem evoca a imagem da chuva, “a palavra evoca a imagem da coisa”. Para esse autor, os signos podem ser naturais ou não naturais.

Os naturais são aqueles que têm relação direta com a natureza e seus fenômenos naturais, a exemplo das nuvens carregadas que denotam chuva. Os signos não naturais (artificiais) são os criados pelo homem, a exemplo dos códigos e símbolos usados para denotarem coisas e fenômenos. Guiraud (1975) divide os signos em quatro grandes categorias, a saber: I. os signos naturais identificados e classificados pela ciência; II. os signos de representação ou imagem (quadros e fotografias); III. os signos de comunicação ou símbolos que podem ser associados ao processo de comunicação (letras e números) e IV. os signos de comunicação icônico-simbólicos, tais como a moda, simbologias religiosas e outros.

No que diz respeito ao significado, o autor pressupõe que a significação é um processo de produção de significados. O sentido é a resultante da interpretação de um

significado emergente de um texto, uma vez que o signo tem seu significado delimitado pela estrutura textual e contextual de que se participa e o leitor (ou interprete) procura desvelar o sentido que se estabeleça a comunicação entre ele e o (leitor, co-autor) e o autor do primeiro texto.

Pierce (2005) define um signo como aquilo que representa alguma coisa para alguém. É uma entidade que estabelece relação entre três dimensões: o seu Representâmen, o seu Objeto e o seu Interpretante, são os componentes da tríade peirciana. O autor também dividiu os signos segundo a sua qualidade representativa, sendo estes signos categorizados como ícones, índices e símbolos. Um ícone é o representâmen que possui como qualidade a Primeiridade, ou seja, a capacidade de substituir qualquer coisa da qual compartilhe a semelhança. A Primeiridade de um signo é a própria imagem de seu objeto, ou mais propriamente uma ideia produzida no cérebro do interpretante (PEIRCE, 2005). Um signo é icônico se ele representar o objeto principalmente por meio da similaridade, mas também por meio das analogias entre as relações, que são os diagramas; ou metáforas, que representam um paralelo com outra coisa qualquer.

Ao nível da Secundidade está o índice, que é um signo que representa um outro objeto com o qual ele tem uma ligação atual. Existe uma conexão entre objeto e signo, tal como os rastros e pegadas que indicam que uma pessoa ou um animal esteve presente naquele lugar ou as cinzas que podem representar que houve fogo. Qualquer artefato produzido é um índice que explicita de maneira mais ou menos direta a sua produção. No entanto, para existir o índice é necessário que haja uma mente interpretadora que faça uma conexão entre o signo (o rastro ou pegada, cinzas) e o fato (alguém passou por ali, fogo). Dessa forma, o índice nada mais é do que a constatação de uma relação física entre coisas que existem (SANTAELLA, 1983). Para Peirce (2005), tudo o que atrai a atenção ou surpreende pode ser considerado um índice, uma vez que estabeleça a conexão entre as partes da experiência. Um forte relâmpago supõe a ocorrência de algo, ainda que o evento seja desconhecido. Assim, pressupõe-se a ligação entre o fato ocorrido e a experiência passada.

Por fim, no nível da Terceiridade, há uma aproximação entre o primeiro e o segundo em uma camada de inteligibilidade ou pensamento em signos. Para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento que é uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos (SANTAELLA, 1983). Nesse nível,

está o símbolo caracterizado como um Representâmen constituído de uma lei ou regra que determina o Interpretante. O objeto é representado pelo símbolo por meio de uma convenção, de um instinto natural ou de um ato intelectual, ainda que não haja qualquer relação factual ou ação entre o símbolo e este objeto (PEIRCE, 2005).

Segundo Borba (1998), o signo é um elemento de cunho primordial na veiculação do discurso linguístico e também se apresenta de forma dupla, uma vez que se divide em significante e significado.

O signo linguístico transmite (ou veicula) uma informação servindo-se de uma parte material e perceptível associada a uma parte imaterial e inteligível. A parte sensível é o significante e a parte não sensível é o significado. (BORBA, 1998, p. 19).

Partindo de tais conceitos e retomando o objeto de estudo do presente trabalho, é certo que a todo o momento o homem faz o uso de processo de interpretação e reinterpretação de sons, imagens, palavras, símbolos. Esse processo de significação ocorre incessantemente em conversações via WhatsApp. Será discutido no próximo tópico como ocorre essa construção do sentido e significação pelos sujeitos.

4.2A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO E DA SIGNIFICAÇÃO

Segundo Melo Simões (2010), sejam quais forem os nossos referentes culturais, estamos sempre desmanchando mensagens, somos intérpretes de significações expressas nas várias linguagens criadas para nos dizermos. Em todo ato comunicativo, a mensagem é uma linguagem carregada de sentidos passíveis de interpretações e causador de trocas, e como assinala Arena (2006), provoca transformações em ambas as partes: no objeto lido e no leitor deste objeto. O significante não somente estabelece uma relação de referência com o mundo, mas ainda possuem um sentido (ou, como também é chamado, intenção). A referência é a identidade apontada por um significante em determinado contexto de uso. O sentido é o modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como um significante nos apresenta a entidade que ela nomeia. O sentido é alguma coisa com o conceito associado à expressão em questão, da qual podemos ter várias interpretações. Assumindo-se, pois, que o sentido tem relação direta com o conceito que temos sobre o significante. (SAUSSURE, 2002 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 25)

Assim, as produções de sentido e significações resultantes e manifestantes de tais práticas dependem dos contextos a serem analisados, na perspectiva da influência da vida familiar, do trabalho, da escola, da religião, da política, do repertório cultural, do meio ambiente, da economia, das características socioculturais em que os indivíduos vivem as suas realidades, considerando-se as inúmeras situações sociais que a vida contemporânea lhes impõe.

É necessário observar que as complexas formas de combinação do signo verbal a outros signos não-verbais, por meio da diversificação dos suportes midiáticos neste caso o os *Emojis* presentes no *WhatsApp*, criam rupturas com a noção tradicional de produção de sentido, já que as produções de sentido são decorrentes da pura decodificação, mediante o contexto no qual o interlocutor está inserido.

Segundo Rey (2000), a visão da subjetividade está apoiada no conceito de sentido subjetivo. O sentido exprime as diferentes formas da realidade em complexas unidades simbólico-emocionais. Em relação aos *Emojis*, a produção de sentido é algo interno, ou seja, depende da história singular de cada sujeito. Segundo Silva (1996), a interpretação desvela as possibilidades de significação que a compreensão projeta a partir do texto. Essa decodificação dos *Emojis* nos atos comunicativos está relacionada tanto aos conhecimentos do interlocutor sobre a linguagem, sobre o mundo em geral e sobre as situações de comunicação, como as suas experiências, sendo todos fundamentais para a construção de sentidos.

4.3 OS PRINCÍPIOS DA ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE

No que concerne à arbitrariedade, Saussure (1970) afirma que esse princípio seria a base de organização da língua a partir do conceito de sistema. Segundo o linguista, a relação que une o significado ao significante é marcada pela arbitrariedade. De forma geral, pode-se dizer que o signo linguístico é arbitrário porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. Essa convenção é conservada pela tradição e é justamente por isso que o signo linguístico é arbitrário, não existe uma relação direta entre o significante (imagem acústica/representação fonética) de um signo linguístico e o seu significado.

Exemplificando com o objeto de estudo do presente trabalho, em uma conversa no aplicativo do *WhatsApp*, um interlocutor envia um *Emoji* de  para outro usuário

independentemente da cultura e língua, esse caractere pode significar *amor* em português, e em inglês *love*, para o mesmo significante. Nesse contexto, pode-se considerar que cada idioma tem seu conjunto próprio de signos para designar a mesma ideia. Isto prova que o signo não está ligado ao que representa de forma motivada, mas imotivada.

À vista disso, por não haver proximidade nem semelhança entre as palavras e as coisas às quais elas remetem, diz-se que os signos linguísticos são arbitrários. Dessa forma, não existe uma relação natural entre a realidade fonética de um signo linguístico e seu significado. Esse princípio característico do signo saussuriano quebra definitivamente a ideia da língua como uma mera nomenclatura em que os significados estão fixos às coisas, sem a possibilidade de mudança comprometendo a transmissão desta. Apesar de afirmar que o signo linguístico é arbitrário, Saussure não deixa de reconhecer a possibilidade de existência de certos graus de motivação entre significante e significado.

Saussure (1970) propõe a existência de um “arbitrário absoluto” e de um “arbitrário relativo”. Como exemplo de arbitrário absoluto, cita os números *dez* e *nove*, tomados individualmente, nos quais a relação entre o significante e o significado desses signos seria totalmente arbitrária, visto que a relação não é necessária e nem é imotivada. Já na combinação de *dez* com *nove* para formar um terceiro signo, o número *dezenove*, o autor acredita que a arbitrariedade absoluta original dos dois numerais se apresenta relativamente moderada, dando lugar àquilo que ele classificou como arbitrariedade relativa, pois do conhecimento da significação das partes pode-se chegar à significação do todo.

Há alguns elementos que se ajustam em forma de sinais de representatividade de algo mais que não está explícito totalmente no elemento que o representa. Estes elementos representativos são sinais que tanto podem ser de caráter natural, quanto convencional.

Os sinais de caráter natural são aqueles que servem de indícios dos fenômenos naturais, como, por exemplo, a fumaça, que nos indica a presença do fogo, ou o trovão, que nos aponta para a possibilidade de chuva. Os sinais de caráter convencional são aqueles que a sociedade contratou, concordou, a partir de algum momento, que seria o que melhor representaria dentro daquela realidade de fala. O *ícone*, *índice* e o *símbolo* são esses sinais criados dentro da coletividade de fala.

De acordo com Cunha (2007), ser totalmente imagístico, o ícone é totalmente motivado, isto porque só se faz uma imagem a partir de um dado elemento. O ícone deve impressionar os sentidos de forma tal que não permita confusão alguma no momento de identificá-lo e saber o que ele representa. Ele é motivado por aquilo que representa. O símbolo é menos motivado, isso porque não tem que representar uma ideia exclusiva, mas uma ideia genérica. Dessa forma, uma pomba branca pode trazer a ideia de paz, seja lá o que for que a paz signifique para quem a percebe. De igual modo, tem-se uma balança para representar a justiça, independente do conceito que cada indivíduo tenha deste termo.

Ainda sobre a arbitrariedade do signo, Borba (1998, p. 19) ressalta que “O signo também é arbitrário na medida em que cada sistema linguístico adota como pertinentes ou não determinadas características que constituirão as classes de significantes e significados que utiliza”.

Quanto à arbitrariedade do signo, Borba (1998, p.19) concorda com Saussure (1970), mas acredita na indissolubilidade das formas linguísticas, uma vez que “o significante sem o significado é apenas um objeto, que existe, mas não significa e o significante sem o significado é indizível, impensável e inexistente”.

Reiterando, o signo linguístico é arbitrário, já que seu significante não tem uma relação única e direta com seu significado, além de somente ter valor situado dentro de um sistema linguístico específico. Por isso, as vontades individuais não podem alterar um signo.

Em contrapartida, a ideia de Iconicidade é estudada pela semiótica de Peirce (2000), esses autores asseveram que os signos visuais muitas vezes incorporam atributos de mais de uma categoria de signo. Uma placa de banheiro feminino mostrando uma mulher de vestido é um ícone (retratando a figura humana), mas é também um índice (indicando a localização do banheiro). Vale ressaltar que, há uma diferença fundamental entre o símbolo, de um lado, e o índice e o ícone, de outro, já que nesses dois últimos há um nível ainda menor de arbitrariedade.

O ícone, por sua vez, tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. A fotografia de um indivíduo, por exemplo, é uma representação icônica desse indivíduo, assim como o mapa do Rio de Janeiro representa a cidade. Assim, um ícone é qualquer coisa que seja utilizada para designar algo que lhe seja semelhante em algum aspecto. (MARTELOTTA, 2011, p. 73).

À vista disso, a Iconicidade será basicamente a relação das características semelhantes que o ícone tem em comum com o objeto que representa. Segundo Cunha (2008, p. 167), “o princípio da Iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”.

Nesse sentido, Peirce (2005) citado em Nöth (2015), observa que os ícones puros são imaginários, ao passo que os hipoícones consistem em signos materializados em alguma forma semiótica visual, auditiva ou linguística. Eles podem ser as imagens que se assemelham às qualidades de seus objetos (primeira-primeiridade), os diagramas, que reproduzem a estrutura de relações dos objetos (segunda-primeiridade), e as metáforas, que propõem, no mesmo signo, uma justaposição entre diferentes campos (terceira-primeiridade). Por isso, os ícones, possuem a capacidade de acessar, além do controle consciente, disposições fundamentais, qualitativas e sentimentais da experiência humana (primeiridade).

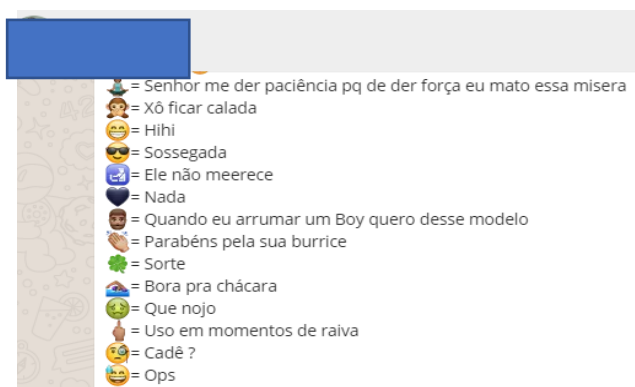
É importante ressaltar que a iconicidade também está presente em processos não verbais que compõem o momento da comunicação. Ao relacionar esse princípio com o objeto de estudo do presente trabalho, é possível considerar que no ato comunicativo via *WhatsApp*, quando um usuário envia o *Emoji* 😂 representando disposições sentimentais e emotivas da experiência humana, mais especificamente, “galhadas”, e é assim interpretado pelo seu interlocutor, consiste em uma comunicação perpassado pela iconicidade. No capítulo seguinte, serão expostas as análises dos dados, no qual será observado como a arbitrariedade e a iconicidade se apresentam nos processos comunicativos e como influenciam na (re)significação dos *Emojis*.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão analisadas e discutidas sete interações do *Whatsapp*, a fim de constatar como esses sujeitos realizam o processo de (re)significação dos *Emojis* e como a arbitrariedade e a iconicidade se apresentam no decorrer desse processo.

5.1 INTERAÇÃO 1 - GRUPO A

Essa interlocutora é uma adolescente de 16 anos, cursa o ensino médio e reside no interior do estado do Tocantins, em zona rural. Heterossexual.



Fonte: Celular da participante.

Nessa interação, a participante da pesquisa optou por enviar o significado dos *Emojis* que utiliza com maior frequência em forma de lista. É certo que as variações linguísticas regionais influenciam no processo de (re)significação dos *Emoji*, além da faixa etária. Em Foucambert (1998) e em Smith (2003), a construção de sentido precede ou apresenta relativa independência em relação aos processos de decodificação, pois para o primeiro as interpretações dependem da *práxis* cultural que caracteriza o meio sociocultural onde o sujeito está inserido nas suas ações e contextos e o segundo também defende a ruptura da codificação/decodificação, assinalando que a prática cultural exerce um importante papel na construção de sentidos e interpretações.

Diante disso, a usuária afirma que, mesmo que alguns desses pictogramas aparentam ter significados óbvios, ela faz as assimilações dos símbolos baseando-se em contextos de conversações, na maioria das vezes, em grupos de amigos no aplicativo e

afirma acreditar que consegue transmitir a mensagem de forma eficaz já que todos os participantes dos grupos de amigos que participam interpretam os *Emojis* com o mesmo conceito que ela.

Seguindo a perspectiva de Saussure (1970), observou-se que nas (re)significações dos *Emojis* feitas pela interlocutora há presença da arbitrariedade, já que para o autor a arbitrariedade sustenta a criação das línguas a partir, do consenso da coletividade, estabelecendo que, apesar do uso das línguas ocorrerem individualmente, a mudança no sistema linguístico jamais ocorrerá particularmente. Como é o caso das significações e sentidos dados pela interlocutora. Contudo, essa (re)significação só ocorre devido ao consenso do meio social em que a usaria está inserida. Além disso, a (re)significação de todos esses *Emojis* são arbitrários devido ao fato de que significado (conceito) e significante (*Emojis*) são constituídos de maneira arbitrária, o que quer dizer que não há relação preexistente entre eles; não há elo natural.

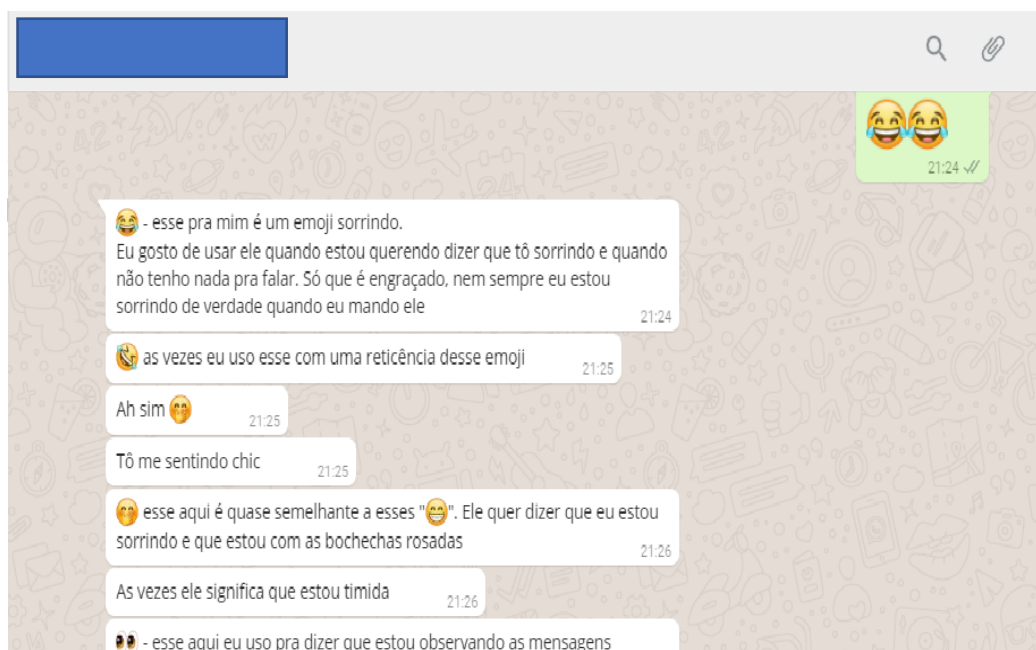
Exemplificando, essa noção com fragmentos da interação, a (re)significação dada ao *Emoji*  = Bora pra chácara foge do significado original dado pelo *Emojipedia*, que segundo o dicionário dos *Emojis* o pictograma significa : “Vamos dar um mergulho!”, nesse caso, significado (conceito) e significante (*Emojis*) não possuem vínculo natural. Quando a participante envia o caractere durante a conversação via *Whatsapp*, intuitivamente há compreensão da intenção e da mensagem que busca transmitir. Então, podemos nos apoiar em Saussure (1970) quando afirma quanto a teoria da arbitrariedade, “a (re)significação só ocorre devido ao consenso do meio social”.

Possivelmente, se o caractere fosse inserido em um contexto de conversação com sujeitos/receptores fora do grupo social da interlocutora, esses sujeitos/receptores dificilmente compreenderiam a mensagem transmitida, associariam somente com “nadar/natação”. Nesse caso, a interlocutora teria que utilizar a linguagem verbal para criar o enunciado e dar sentido ao *Emoji* no contexto de conversação.

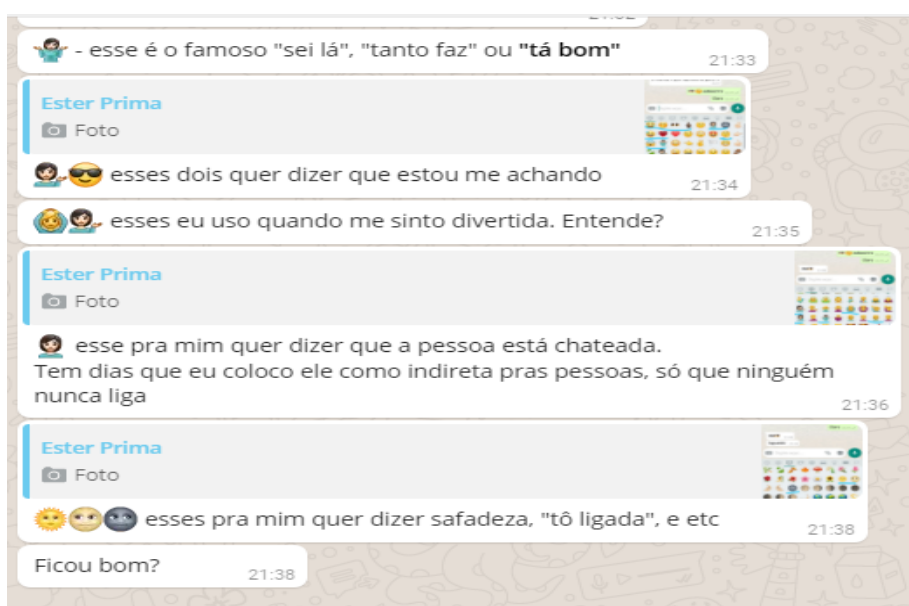
Por fim, o *Emoji* representa a atividade esportiva de natação, mesmo que a interlocutora o (re)signifique, ele é um sinal icônico, por ser totalmente imagístico, esse ícone é totalmente motivado, porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Aqui no caso representando a atividade esportiva de natação.

5.2 INTERAÇÃO 2 - GRUPO A

A interlocutora é outra adolescente com faixa etária de 17 anos, cursa o ensino superior e reside no interior do Tocantins, em zona urbana. Heterossexual.



Fonte: Celular da participante.



Fonte: Celular da participante.

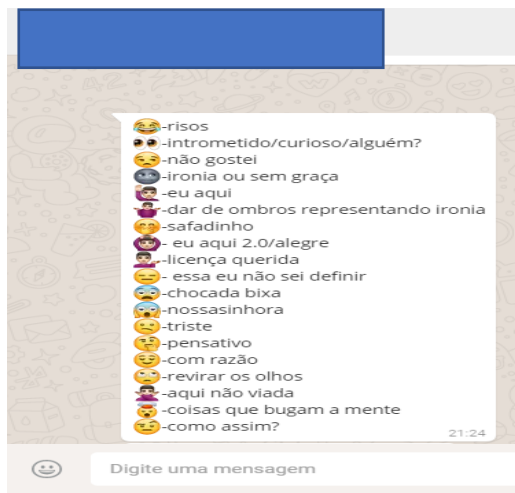
A participante decidiu enviar os significados dos *Emojis* também em lista, só que buscou explicar de forma sucinta em que circunstâncias e quais os significados atribui a cada caractere. A usuária faz a interpretação e aplicação dos símbolos dos *Emojis* baseando principalmente na tradução de determinadas emoções. Segundo ela, no ato de conversação, procura os *Emojis* que coincidem com o que está sentindo no momento e os utiliza mesmo sem saber qual o significado real e se o receptor irá compreender da mesma maneira, o que acaba causando sempre dúvidas sobre o grau de eficiência das mensagens escritas por ela. A usuária também afirma que as utiliza levando em consideração o grau de intimidade e grupo social em que está ocorrendo o ato comunicativo. Outro fator que se constata na interpretação da participante é a faixa etária. Ela utiliza as redes sociais e afirma observar os *Emojis* utilizados pelas figuras públicas como: atores e atrizes, cantores (as), *blogueiras* dentre outras, nas redes sociais e busca aderi-los em seu contexto utilizando os significados dados por estes artistas.

Nas interações apresentadas, observou-se que existe arbitrariedade na relação significado/significante, exemplificando com os *Emojis* 🌚🤔, a interlocutora afirma que os associa com sentido de conotação sexual e essa relação/(re)significação com esse sentido ocorre com a grande maioria dos usuários do aplicativo. Segundo o *Emojipedia*, isso ocorreu devido a uma brincadeira com propostas sexuais que circulou no aplicativo há alguns anos, e desde então, as luas com rostos são consideradas apelativas. Mas os *Emojis* de lua realmente simbolizam luas, apenas isso. Sendo assim, levando em consideração a significação dos *Emojis* no consenso coletivo o significado não possui nenhuma relação como significante.

Para Saussure (1995), a arbitrariedade sustenta a criação das línguas a partir do consenso da coletividade, estabelecendo que, apesar do uso das línguas ocorrerem individualmente, a mudança no sistema linguístico jamais ocorrerá particularmente. Essas (re)significações só ocorrem por convenção, ou seja, se a alteração de sentido muda é devido a sociedade acatar essa mudança de significação. Por fim, notou-se também a presença de sinais arbitrários no processo (re)significação de todos os *Emojis*, já os sentidos e significados aderidos pela interlocutora aos caracteres não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam.

5.3 INTERAÇÃO 3 – GRUPO B

O interlocutor dessa interação possui 21 anos é do sexo masculino, é alfabetizado e possui formação em nível médio. O usuário tem orientação homossexual.



Fonte: celular da participante.

O usuário também enviou em forma de lista os significados dos *Emojis*. Partindo da interpretação dada pelo interlocutor, observa-se que o usuário realiza o processo de (re)significação dos *Emojis* baseado em sua orientação sexual. Segundo ele, a sua escolha e utilização está enquadrada em algum sentimento específico no momento da conversa, além do contexto de conversação. Um fato relevante que o usuário mencionou, é de que em grupos do aplicativo que possui usuários com a mesma orientação sexual que ele, os (re)significados dos *Emojis* são basicamente os mesmos, torando a comunicação eficiente, sem interpretações diferenciadas.

Como mencionado no referencial teórico, os *Emojis* têm se revelado atualmente uma dimensão adicional de expressividade afetiva aos textos das mensagens (ROCHA, 2005). Esses caracteres, refletem uma determinada identidade coletiva em grupo concretizado por uma linguagem compartilhada. Só que essa identidade coletiva, de pertencimento ao grupo, não suprime a identidade pessoal, muito pelo contrário, tendo o efeito de reafirmá-la de acordo com seu uso (CASTELLS, 2013). O uso e os significados associados aos *Emojis* disseminam-se de maneira dinâmica, colaborativa e participativa.

De certa maneira, todos podem sugerir novos *Emojis* ou novos usos, sentidos e significados para figuras já existentes. Sendo assim, levando em consideração o exposto observa-se a presença intensa da arbitrariedade na interação desse interlocutor, constata-

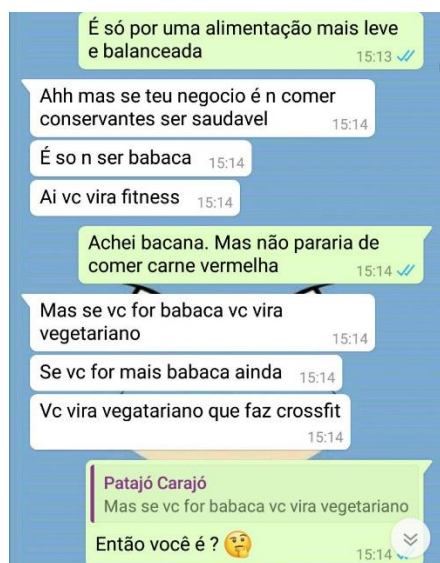
se que a (re)significação e o sentido dado aos *Emojis* tem forte influência a opção sexual/grupo social sobre o processo semântico. Exemplificando, o interlocutor utiliza o

Emoji 🤪 ressignificando como “chocada, bicha!”, aqui se observa a influência evidente do grupo social e a orientação sexual no qual o sujeito pertence. Segundo *Emojipedia*, o *Emoji* assustada está com medo e atordoada. Parece estar profundamente chocada e surpresa com um acontecimento assustador ou situação alarmante. Mesmo que o significado e conceito estejam de acordo nesse caso, os outros caracteres e (re)significados da interação possuem alto grau de arbitrariedade baseados em seus significados dado pelo interlocutor comparados ao do *Emojipedia*, pois não possuem nenhuma relação como que de fato buscam representar.

5.4 INTERAÇÃO 4 - GRUPO B

O participante possui 22 anos, é do sexo masculino e alfabetizado, e se define de orientação homossexual.

Diferente dos participates anteriores, este buscou explicar a forma, quando e quais as significações dos *Emojis* que utiliza com maior frequência em suas interações no *WhatsApp* por meio do envio de *printsscreens* das conversas em seu aplicativo buscando assim, contextualizar de forma mais clara a respostas para o questionário.



Fonte: Celular do Participante.

No exemplo acima, o interlocutor explica que “*No sentido que eu vejo é tipo como se eu estivesse refletindo, e acusando ou fazendo um pré-julgamento tipo " ora, ora" ou então parece que...*”. Segundo o *Emojipedia*, o *Emoji* pensativo, na posição do pensador, com mão sobre o queixo, põe em questão uma afirmação, duvidando da inteligência de uma pessoa, duvidando de uma ideia. Está analisando algo ou arquitetando uma ideia genial. Observou-se que o usuário utiliza esse caractere para expressar sentimentos de incerteza, insegurança, desconfiança, ou objeção, dúvidas. O interlocutor não deixou claro se ele utiliza esse *Emoji* apenas com pessoas próximas ou não. Mas dado o contexto parece que ele não faz restrição de grupos ou pessoas em relação ao uso desse *Emoji*. Observa-se a presença da iconicidade, pois o ícone (*Emoji*), por sua vez, tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. (MARTELOTTA, 2011, p. 73)



Fonte: Celular da Participante.

Já no exemplo acima, ele afirmou que: “O 🙄 eu uso no sentido de dar de ombros, as vezes no contexto de “Posso fazer nada”. Segundo o *Emojipedia*, o *Emoji* significa “Não sei como lhe ajudar” ou “A vida é assim”. O encolher dos ombros mostra ignorância, confusão ou desinteresse por algo. O interlocutor continua: Já o 🌞 eu não sei exatamente descrever corretamente em palavras”. Segundo o *Emojipedia* o sol simboliza realmente o sol. O usuário, após o questionário afirmou que não sabia ao certo



Fonte: Celular da Participante.

No exemplo acima, pode-se observar que o significado não possui relação com o significante, nem na forma (re)significada pelo interlocutor e nem na significação original do *Emojipedia*. No processo de (re)significação do interlocutor, ele explica que: “O 🙄 eu uso no sentido de aguardar a resposta, "atento". O usuário utiliza o *Emoji* não apenas com o sentido de observação, mas como uma forma de chamar a atenção do outro interlocutor no ato comunicativo no aplicativo. Segundo o *Emojipedia* o caractere simboliza: Atenção, alguém está te observando! Dois olhos estão olhando para a esquerda. Algo está sendo observado e verificado. Você está sob olhares! Sendo assim constata-se a arbitrariedade.



Fonte: Celular da Participante.

Por fim, no exemplo acima o usuário faz o uso do *Emoji* de coração e explica: “Eu uso coração para me referir à amizade, mas quando peço algo normalmente como favor”. O participante utiliza o coração como gesto de afeto, e faz o uso desse *Emoji* com mais frequência com pessoas com maior grau de intimidade, como por exemplo: família,

amigos e relações afetivas. De acordo com o *Emojipedia*, o ponto de exclamação em forma de coração significa: estou completamente de acordo! um coração com um ponto abaixo forma um ponto de exclamação decorativo. Este gesto vem do coração e enfatiza o amor de alguém pelo outro ou por algo. Baseado no contexto comunicativo da interação exposta, o usuário deixa a entender implicitamente que utiliza o *Emoji* de coração como tentativa de influenciar emocionalmente o outro interlocutor para conseguir algo. Assim, constata-se a presença da arbitrariedade.

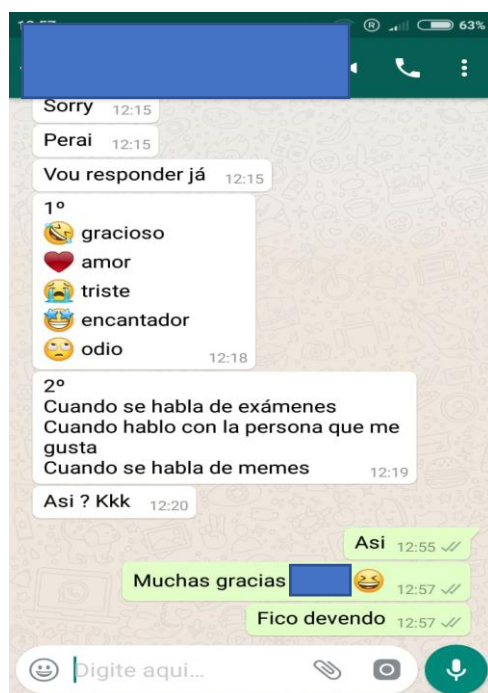
A partir da exposição das interações desse indivíduo, é possível identificar que os *Emojis* utilizados são (re)significados baseados no contexto comunicativo e principalmente na intenção do interlocutor que os envia. Percebe-se que esse participante os utiliza com cuidado na tentativa de expressar claramente a informação desejada. Assim ele busca unir o enunciado ou frase que escreve durante o diálogo, com os *Emojis* que aparenta reforçar ou complementar a mensagem com maior eficácia.

As (re)significações dadas aos *Emojis* não causam interpretações errôneas, mas auxiliam na eficiência do diálogo. Como já mencionado, os *Emojis* cumprem praticamente a mesma função que os gestos, as expressões faciais e o olhar desempenham na conversa face-a-face (Evans, 2016). Eles oferecem ‘pistas contextuais’ na interação digital, contribuindo para reforçar os sentidos que se pretende comunicar. As interações do interlocutor em todos os casos de (re)significações feitas por ele há a arbitrariedade e em alguns casos a presença da iconicidade.

5.5 INTERAÇÃO 5 – GRUPO B

A interlocutora possui 21 anos, é do sexo feminino e atualmente cursa o nível superior, é nascida na cidade de Wuxi localizada no interior da China. Atualmente, mora com a família em Ciudad del Este no Paraguai.

A participante possui como língua nativa a língua chinesa, mas fala inglês e espanhol a pouco mais de dois anos e como tem contato com brasileiros na universidade em que estuda, compreende o português e escreve um pouco, porém ainda recorre ao google tradutor em momentos em que não conhece alguma expressão ou significado de palavras. A participante optou também em mandar uma lista das significações dos *Emojis*.



Fonte: Celular da Participante.

Como foi dito anteriormente, a interlocutora não compreende bem o idioma português. Para a conversação, foi necessário o uso do *google* tradutor para que ela compreendesse o que estava sendo proposto. Na interação, ela mescla as poucas palavras que conhece em português com o espanhol. A interlocutora explica que utiliza, na maioria das vezes, os cinco *Emojis* expostos porque na tradição do país em que nasceu, alguns dos caracteres são ofensivos, necessitando de cuidados ao utilizá-los.

Informou ainda que em grupo de família não se utiliza *Emojis*, os participantes se comunicam apenas com palavras e áudios. Para o a escolha do uso dos *Emojis*, ela se influencia pelos contextos acadêmicos, afetivos e principalmente culturais. Ainda afirmou que gosta muito de utilizá-los quando está em tempo livre vendo “memes” nas redes sociais como Facebook e Instagram.

Houve um momento da interação em que a participante confidenciou que utiliza alguns *Emojis* que na tradição dela é considerado ofensivo em conversas com os amigos por receio de se sentir excluída, mas tudo às escondidas de seus pais. A participante citou

alguns exemplos: o *Emoji* montinho de fezes  que na China é utilizado para desejar boa sorte, mas pode ser ofensivo no Brasil. Enquanto o *Emoji*  possui

significado associado a proposta sexual ou sarcástica para a maioria das pessoas, na China, simboliza mudança espiritual, mudança de fase como a lua, os ancestrais permitem a oportunidade de mudanças. Outros Emojis que observei que utilizam as vezes

nos grupos de alunos da faculdade é este  , se quiser saber mais pesquise depois a história. Tanto no meu país quanto no Japão, ele é chamado de ogro vermelho e não um diabinho como é visto aqui e é sim uma lenda. Ele é chamado Namahage e é um insulto utilizá-lo em conversação referindo-se a ele ou comparando alguém a ele. Há quem acredite que ele traz energias ruins negativas só em utilizá-lo.

Partindo de tais explicações, pode-se defender a ideia de que as produções de sentido precedem ou apresentam relativa independência em relação aos processos de decodificação, como é perceptível em Foucambert (1998) e em Smith (2003), pois para o primeiro as leituras descendentes dependem da práxis cultural que caracteriza o meio sociocultural onde o indivíduo está inserido nas suas ações e contextos de leituras e o segundo também defende a ruptura com o binômio codificação/decodificação, assinalando que a prática cultural exerce um importante papel na construção de sentido das leituras e significações.

Diante disso, observa-se o quanto o fator cultural influencia fortemente o processo de sentido e (re)significação dos *Emojis* para a interlocutora.

As (re)significações feita pela interlocutora são as seguintes:  que representa o amor para a usuária do aplicativo e é possui a mesma significação para o *Emojipedia*. O *Emoji*  para a interlocutora significa o ódio, porém, segundo o *Emojipedia*, o olhar rabugento e vago expressa insatisfação. Não está nem um pouco entusiasmado com algo e demonstra isso. Expressa desinteresse e desaprovação. O *Emoji* , para interlocutora significa encantador, mas segundo o *Emojipedia* o *Emoji* traz o sentido de estar muito impressionado e totalmente animado com algo. Surpreso e admirado depois de encontrar alguém de quem se gosta muito. Fascinado com a fama e o universo das celebridades. O *Emoji*  significa “gracioso”/ engraçado para a interlocutora, porém, segundo o *Emojipedia* o *Emoji* significa “que engraçado”, não consegue mais parar de rir! Rola e se joga no chão de tanto rir. É a versão em *Emoji* da sigla inglesa “ROFL” que significa

“rolando no chão de rir“. O *Emoji*  a interlocutora associa com tristeza, no *Emojipedia* o significado real é um *Emoji* desesperado e de coração partido, lágrimas caem dos olhos como em uma cachoeira. Expressa perda, dor ou derrota. Também é utilizado ironicamente ou quando algo é tão engraçado, que alguém está morrendo de rir.

Nesta interação, observa-se também a presença da arbitrariedade e da iconicidade. Atesta-se a arbitrariedade no processo de (re)significações feitas pela usuária. No entanto, há iconicidade nos seguintes *Emojis* utilizados pela interlocutora na explicação da cultura

na qual está inserida. , , , , ; observa-se que esses *Emojis* buscam representar “figurativamente ou pictoricamente” o objeto ou coisa.

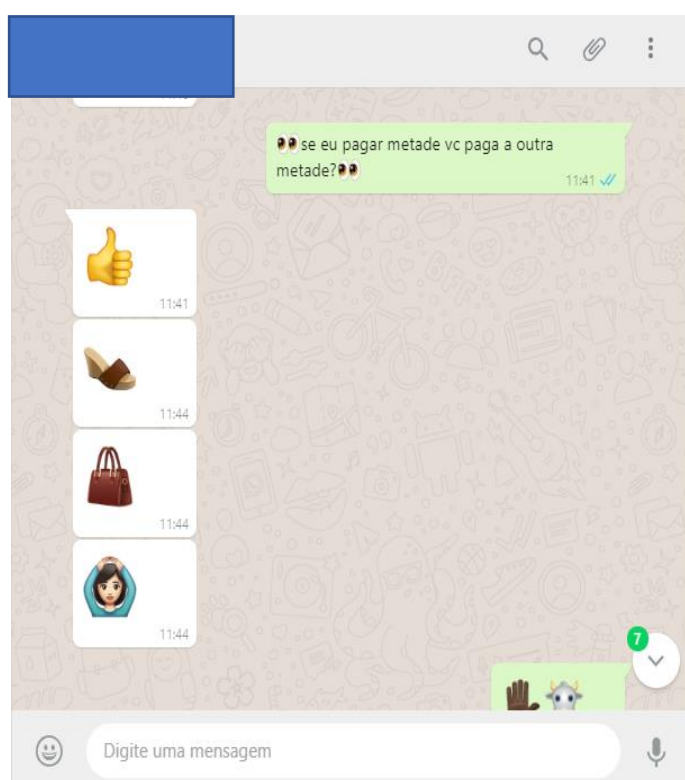
No caso, possuem características semelhantes ao que buscam representar. A iconicidade está presente também em todos os *Emojis* apresentados pela interlocutora com exceção do coração. Constata-se do mesmo modo, a presença da iconicidade na significação dos mesmos caracteres no *Emojipedia*. Diante disso, observou-se que o processo de (re)significação realizado pela interlocutora, há presença equivalente de iconicidade e arbitrariedade. No caso, do *Emoji* de coração, tanto na perspectiva significativa do *Emojipedia* quanto na da interlocutora no *Emojis* há presença apenas da arbitrariedade, pois o significante não possui relação com o significado. Neste caso, o coração é um símbolo e simboliza o amor e essa simbologia deu-se por meio de convenção social. O fator sociocultural são os que exercem a mais ampla e profunda influência sobre a (re)significação dos *Emojis*.

5.6 INTERAÇÃO 6 – GRUPO C

A interlocutora é uma mulher adulta de 42 anos, com formação superior, e reside na cidade de Palmas.



Fonte: Celular da Participante.



Fonte: Celular da Participante.

A interlocutora não compreende a significação dos *Emojis* e a utilização deles além de alguns recursos do *WhatsApp*, favorecendo O processo de (re)significação dos *Emojis* nos atos comunicativos. A usuária enviou a lista com os significados que ela

atribuiu a alguns *Emojis*, que foi retirado um *printsscreen* dessa interação em dias anteriores com intuito de expor esse processo de (re)significação que a usuária cria.

A interlocutora aderiu a utilização do aplicativo a pouco mais de dois anos e afirma que não entende o que os caracteres buscam expressar em sua maioria. Ela explicou que os conceitua a partir da representação gráfica que mais assimila na expressão de algum tipo de emoção na tentativa de não deixar a conversa muito formal. E ainda diz que as vezes envia os caracteres a outros interlocutores sem mesmo saber o significado.

Na interação exposta, a interlocutora utiliza o caractere  que para ela significa “tudo bem”. Em sequência, ela utiliza  que nesse contexto simboliza o verbo “vamos”, e ela complementa com  que, como ela respondeu na lista, significa “passear”. E por fim, conclui com o *Emoji*  que para ela, simboliza a palavra “amiga”, utilizada como um gesto de carinho e afeto. Para fins comparativos da significação real dos *Emojis* baseados na definição dada pelo *Emojipedia*, o primeiro *Emoji* utilizado pela interlocutora é  que significa, “ótimo! “à mão com o polegar para cima significa acordo e aprovação. O segundo *Emoji* utilizado na interação foi  de sandália feminina que, segundo o dicionário, o elegante chinelo feminino só pode ser usado na primavera ou no verão. Representa dias bonitos e quentes, noites amenas de verão ou férias.

Em sequência, utiliza o caractere  que significa na verdade, “Vamos sair hoje à noite!”. E por último utiliza o *Emoji*  que segundo o *Emojipedia*, significa “Tudo bem!” a mulher segura suas mãos sobre sua cabeça formando um círculo (sinal de OK). Representa apoio e aprovação.

Observa-se que interlocutora mesmo sem saber o significado de grande maioria dos emojis, não se limita a utilizá-los e faz suas respectivas (re)significações baseando-se não apenas em contextos comunicativos, mas, principalmente, no grau de intimidade que possui com o outro interlocutor.

Nas interações destacadas, verifica-se a arbitrariedade em todo o processo de (re)significação dos caracteres feita pela interlocutora já que, em nenhuma das interações

existe uma relação natural entre a realidade fonética dos signos linguísticos e o seu significado.

No entanto, observa-se a presença da iconicidade na significação real dos *Emojis* partindo da concepção do *Emojipedia*, pois na perspectiva do dicionário dos *Emojis*, esses caracteres são signos que mantêm com aquilo que representa certos traços de semelhança em suas qualidades imediatas, isto é, em suas características perceptíveis que, no caso, as emoções, objetos, elementos da natureza entre outros.

5.7 INTERAÇÃO 7 – GRUPO D

O participante possui 70 anos, é do sexo masculino, analfabeto, reside no interior do Tocantins, em zona urbana.



Fonte: celular do participante.

Nessa interação, o participante até pouco tempo não possuía celular, só recentemente havia adquirido um aparelho. Uma das maiores limitações que ele via era não saber ler e escrever.

Segundo ele, foi preciso tempo para aprender a manusear o aparelho e aprender os recursos comunicativos do aplicativo, mas logo aprendeu a enviar áudios e conheceu os *Emojis*. “No começo eu usava só a figura da “beleza” 🍷, mas agora já consigo usar um monte de figuras. Eu não sei o que muitas delas significam, mas, eu descobri um segredo: quando eu vou enviar mensagem eu olho as coisas que tem ao redor e as coisas que tem aqui na cidade e vou procurando no teclado coisas que “pareçam iguais” com

aquilo que vi ai quando eu encontro eu envio”. Explica o participante. O interlocutor realiza o processo de (re)significação por meio da assimilação com o contexto em que está inserido e o fato de não ser alfabetizado não o impede de ser incluso no mundo digital e muito menos de realizar o processo de significação na tentativa de transmitir a mensagem com eficácia.

O interlocutor afirma que sempre se comunica com *Emojis* e áudios e as vezes só os caracteres já transmitem uma mensagem completa, o que poupa tempo. Para exemplificar, basta observar o *printsscreen*.

No ato comunicativo foi enviado um áudio perguntando como o interlocutor estava naquele dia, e logo respondeu com  , que significa “estou bem”. Esse *Emoji* é sempre visto como algo positivo. Em sequência, foi enviado um *Emoji* que o interlocutor utiliza muito ao conversar para simbolizar que estava precisando sair  , e que para o interlocutor significa “tchau, vou indo”, e o interlocutor mandou um áudio informando que iria sair também. Em seguida, foi enviado outro áudio

perguntando onde ele iria e o interlocutor respondeu apenas   , que significa que estava indo rezar na igreja.

A partir da análise das (re) significações feitas, faz-se necessário expor os significado desses *Emojis*, com a finalidade de comparação de sentidos e significações para assim, constatar a presença/ausência da arbitrariedade e iconicidade nesse processo semântico.

De acordo com o *Emojipedia*, o *Emoji*  ,significa,” ótimo! “à mão com o polegar para cima significa acordo e aprovação. A utilização da combinação de dois *Emojis* para expressar uma ação,  assim o significado real desses caracteres sucessivamente seria “*olá e tchau!* Uma boa viagem!”. A mão amigável acenando pode ser usada como saudação de boas-vindas e despedida. Ou em tom sarcástico, se quiser que alguém ou algo desapareça. Enquanto o *Emoji* de bicicleta significa de fato uma bicicleta.

Sequencialmente, utilizou o pictograma  que foi criado para significar um tipo de cumprimento muito comum na cultura americana, o High-Five que tem sido usado

como agradecimento no Japão e como prece por muitas pessoas, inclusive no Brasil. Como argumenta Lebduska (2014), os *Emojis*, como toda linguagem, sofrem limitações contextuais.



Por fim, o interlocutor utiliza o *Emoji* para simbolizar a ida a igreja, no entanto segundo o *Emojipedia*, esse caractere significa “Casamento” “Nós nos casamos!”, igreja onde é celebrado um casamento.

Com base nas comparações dos significados realizados, constata-se a presença da arbitrariedade nas escolhas dos *Emojis* no processo de (re)significação executado pelo interlocutor. Verifica-se que não há traços que unem o significante e significado, nem mesmo há uma relação lógica, motivada, e nem natural. Porém, há presença de iconicidade na significação dada pelo *Emojipedia*, já que os *Emojis* “buscam retratar por semelhanças e características visuais o objeto ou coisa representado”. (MARTELOTTA, 2011).

Esse processo de (re) significação é surpreendente, uma vez que o interlocutor, mesmo sem ser alfabetizado, busca uma forma de se comunicar com os recursos comunicativo presente no aplicativo e principalmente com os *Emojis*. A partir do contexto e inúmeros fatores em que é exposto, o interlocutor associa desde objetos a locais, incluindo pontos turísticos da cidade aos *Emojis* e a partir dessa relação, surge os significados e até mesmo enunciados completos.

De modo geral, o uso dos *Emojis* revela que estamos em uma sociedade que necessita cada vez mais de caracteres para apoiar a escrita. Devido à rapidez na transmissão de informação e a ausência de gestos e expressões faciais no ambiente da internet. Durante as análises, é possível observar que cada sujeito interpreta o mundo e faz assimilações de forma subjetiva. Vale ressaltar também que muitos *Emojis* assumem sentidos diferentes conforme o contexto cultural, grupo social, a mescla de culturas entre outros fatores. Sendo assim, os significados e sentidos dos *Emojis* não podem ser vistos como algo generalizado ou universalizado, visto que a percepção não pode ser padronizada ou naturalizada, ela também está mergulhada na cultura, nos filtros fisiológicos e nos diversos pontos de vista.

A partir de todas as interações apresentadas, é visível que os *Emojis* trouxeram uma contribuição para o desenvolvimento da comunicação mais eficaz no meu digital.

Constatou-se a influência dos fatores socioculturais, gênero sexuais, histórico-culturais entre outros; em todo o processo de (re)significação dos *Emojis* pelos usuários. Verificou-se também, a presença da arbitrariedade em todas as (re)significações produzidas pelos interlocutores em que todo processo é influenciado pelos fatores mencionados anteriormente. Ademais, detectou-se a presença da iconicidade apenas nas significações originais dos *Emojis* segundo o *Emojipedia*. Observou-se ainda que os *Emojis* possuem a função de alfabeto para interlocutores analfabetos e que o *Whatsapp* tem contribuído de forma efetiva para a inclusão e letramento digital desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tem como foco a análise da (re)significação dos *Emojis* na conversação entre os sujeitos como recurso de representação de linguagem e emoções dos interlocutores, objetivando compreender e constatar quais fatores influenciam os usuários na escolha desses caracteres em suas conversações. Ponderou-se que linguagem está em constante processo de mudança e se adapta as manifestações e às restrições presentes nas tecnologias digitais. A partir dos pressupostos levantados, conclui-se a relevância e o enraizamento dos *Emojis* na sociedade atual, o crescente uso desses caracteres é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções/sentimentos e ações. A partir da pesquisa bibliográfica feita sobre os *Emojis*, torna-se possível observar o quanto os ícones estão presentes em nossa comunicação desde o princípio.

Devido a rapidez na transmissão de informação e a ausência de gestos e expressões faciais no ambiente da internet, por vezes é possível observar erros de interpretação e compreensão de mensagens, o que gera conflitos e mal-entendidos. Os *Emojis* surgiram para auxiliar no entendimento, dando o tom da mensagem que ficava ausente no meio eletrônico. Isso nos auxilia compreender espontaneamente o porquê da popularização universal dos *Emojis* no aplicativo *WhatsApp*, além do motivo de se encaixarem tão bem na função de suporte de comunicação virtual. Ao longo do trabalho também foi discutido a respeito do uso do *WhatsApp* na terceira idade, em como vem crescendo a utilização do aplicativo por pessoas com mais de 60 anos e como utilizam os recursos presentes na plataforma. Ainda foi mencionado acerca do letramento e inclusão social. Essa modalidade de letramento abre espaços de acesso ao conhecimento, à informação. E os diversos recursos no aplicativo que o torna um gênero multimodal.

As análises realizadas foram embasadas na noção de arbitrariedade de Ferdinand Saussure e o princípio da iconicidade de Charles Peirce. Partindo de tais teorias, constatou-se que em todo o processo de (re)significações dos *Emojis* executadas pelos interlocutores, sem exceção, atestou-se a presença da arbitrariedade. Ou seja, os

significantes não possuíam vínculos com o significado. Já nos significados originais dos *Emojis* presentes no *Emojipedia*, notou-se a presença da iconicidade, pois todos os caracteres são icônicos, uma vez que retratam de forma visual as características e semelhanças do objeto ou coisa.

Esse olhar sobre os *Emojis*, considerando os pressupostos saussurianos e peircianos, nos permite compreender um pouco mais sobre esse novo sistema de comunicação. Considerar essas teorias, enquanto princípios caracterizadores do sistema linguísticos, e tudo o que elas implicam, no estudo dos *Emojis*, abrem outras portas para que mais estudos sejam estabelecidos sobre essa modalidade de língua que é vasta e se modifica a todo o momento.

Ainda observou-se por meio dos resultados, a influência de diversos contextos como familiar, profissional, educativo, gênero sexual, religioso, político, cultural, ambiental, características socioculturais em que os sujeitos vivem as suas realidades, considerando-se as inúmeras situações sociais que a vida contemporânea lhes impõe no processo de (re)significação dos *Emojis*, e como esses fatores são importantes no processo, principalmente na produção de sentido desses pictogramas, já que um *Emoji* pode trazer diferentes sentidos. Diante disso, fica evidente a relevância desses fatores na produção de sentido para a interpretação de práticas culturais de linguagem, que visam a apreensão de diversos signos socioculturais, no contexto das visões de mundo onde os indivíduos se inserem.

Por fim, apesar dos *Emojis* possuírem um papel relevante na comunicação, os estudos relacionados à linguagem dos *Emojis* e seus processos de (re)significação são limitados. Por isso, este trabalho não possuiu a pretensão de esgotar o assunto, mas de suscitar reflexão sobre a linguagem dos *Emojis* e que essa seja discutida com mais frequência dentro do âmbito da linguística, pois a relevância de seu uso nas interações do *WhatsApp* ainda é pouco discutida nas pesquisas acadêmicas nesta área.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. **Considerações sobre o estatuto do leitor crítico**. In.

BAKHTIN, Mikhail. **Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BEZ Maria Rosangela, PASQUALOTTI Paulo Roberto, PASSERINO Liliana Maria. **Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale**.2006.

BORBA. Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**.13.Ed.São Paulo.Pontes.1998.

BRAGA, Denise Bertoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CARMO, Josué Geraldo Botura. **O letramento digital e a inclusão social**. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/josue/>> Acesso em: 17 nov. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHURCH, Karen; OLIVEIRA, Rodrigo. *What's up with WhatsApp? Comparing Mobile Instant Messaging Behaviors with Traditional SMS*. **MOBILE HCI 2013 – COLLABORATION AND COMMUNICATION**. Munich, Germany: 30 ago. 2013. Disponível em < http://www.ic.unicamp.br/~oliveira/doc/MHCI2013_Whats-up-withwhatsapp.pdf>. Acesso em 30 nov. 2018.

COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. *A grammar of multimodality. International Journal of Learning*, v. 16, n. 2, p. 361-425, 2009. In: **A RELAÇÃO ENTRE O LETRAMENTO MULTIMODAL E OS MULTILETRAMENTOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ALINHAMENTOS E DISTANCIAMENTOS**. Nathalia Rodrigues Catto* Universidade Federal de Santa Maria – UFSM Instituto Federal Farroupilha.

COULMAS, Florian. **Escrita e Sociedade**. São Paulo; tradução Marcos Bagno.- 1.ed.Parabola editorial,2014.

CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

CUNHA. Chris. **Arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa do signo**.In:linguística. Com. Disponível em:<<http://linguisticacom.blogspot.com/2007/10/arbitrariedade-absoluta-e.html>>. Acesso em: 27 de jan. de 2019.

EVANS, Vyvyan. *I Thought I Said: What Language Reveals about the Structure of Thought*. Oxford University Press, 2015. In: **Comunicação digital e pragmática dos Emojis**.Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira-UFMG. Disponível em:http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/letrasdebate/Emojis_Ana_Larissa_e_Fernanda_Letras_Debate_Setembro_2016_SITE.pdf acesso em: 01 de jan.2019.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. São Paulo: editora UNESP, 2009. Portal D'Arte. **Pintura Rupestre**. Disponível em:<<http://www.portaldarte.com.br/pinturarupestre.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução a linguística: Objetos Teóricos**. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

FREIRE, Raquel. **Entenda a diferença entre smiley, emoticons e Emojis**. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/07/entenda-diferenca-entre-smileyemoticon-e-emoji.html>>. Acesso em: 24 jun. 2015
González Rey, F. G. (2000). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo, Educ.

_____. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo, Pioneira Thompson.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. 5.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

ILARI, Rodolfo. João Wanderley GERALDI. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

JAPPY, Tony. **Introdução a semiótica visual peirceana**. USA.-New York: Bloomsbury. 2013.

KOCH, Igedore Villaça.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN. **Reading Images: the grammar of visual design**. London and New York: Routledge, 2006.

LEBDUSKA, Lisa. *Emoji, Emoji, What for Art Thou? Harlot*. n.12. Disponível em: <<http://harlotofthearts.org/index.php/harlot/article/view/186/157>>. *Apud*. **A linguagem dos Emojis**. (2014) .PAIVA. Vera Lúcia Menezes de Oliveira-UFMG-Belo Horizonte. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200379> Acesso em: 10 dez. 2018

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MODENA, Cássia. **Emojis ajudam na comunicação digital, mas podem confundir.** Correio do Estado, 2017. Disponível em: < <https://www.correiodoestado.com.br/arte-e-cultura/emojis-ajudam-na-comunicacao-digital-mas-podem-confundir/296893/>>. Acesso em :06 de fev. 2019.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. **Emoticons, Emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas.** Revista de Estudos da Comunicação, vol. 17, n. 43, 2016.

NEUBERN, Mauricio. **Drama como proposta de compreensão da clínica de Milton Erickson.** Interação em Psicologia. UNB . (2015/216).

NÖTH, Wales. **The paradigms of iconicity in language and literature. 2015 In: Masako. Hiraga (org.). Iconicity: east meets west. Amsterdam: John Benjamins.** Apud. NEUBERN, Maurício da Silva. **Iconicidade e Complexidade na Comunicação Hipnótica.** Vol. 32 n. esp., pp. 1-9, 2015/2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32nspe/1806-3446-ptp-32-spe-e32ne217.pdf>> acesso em: 27 de nov. de 2018.

NÖTH, Winfred. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce.** São Paulo: Annablume, 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com.** UFRS-Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teseraquelrecuero.pdf> acesso em: 27 de de jan. de 2019.

ROCHA, Cláudio. **Projeto tipográfico: análise e produção de fontes.** 3. ed. São Paulo: Rosari, 2005.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 2. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. 3.ed São Paulo; Cultrix, [1916]-1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix. 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Significado dos Emojis. Disponível em: <http://emojipedia.com.br/> acesso:02 de jan. de 2019.

SIMÕES, Maria da Graça de Melo. **A representação de Etnia e a sua evolução na Classificação Decimal Universal**. ED. UNIVERSIDAD DE SALAMANCA, 2010.

SILVEIRA, Michele Marinho. ROCHA, Josemara de Paula. VIDMAR, Marlon Francys. **Educação e inclusão digital para idosos**. 2010.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas. 2003.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **A Era do Hipertexto: Linguagem & Tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**. Parábola Editorial. 2008. Disponível em: < <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> >. Acesso em 17 Dez. 2018.